

## Alice<sup>1</sup>

Krystine Paula Oliveira CARNEIRO<sup>2</sup>

Thiago SOARES<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

Encarando a falta de revistas especiais sobre cultura na Paraíba, houve a necessidade de criar um suplemento mensal de jornal que aprofundasse temas relacionados à cultura no estado, sendo, assim, proposto o Vida & Arte & +, suplemento com características de revista que vai abordar, nesta edição experimental, vários desdobramentos do livro “Alice no País das Maravilhas”. A história de Alice completa 150 anos em 2012 e tem influenciado tanto crianças quanto adultos por todo o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** revista; cultura; jornalismo cultural; Alice no País das Maravilhas.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse projeto tem como proposta criar um suplemento cultural mensal em formato tabloide para a edição de domingo do Jornal da Paraíba. A intenção é aprofundar a discussão em cultura abordando grandes nomes de todas as ramificações possíveis, como cinema, música, literatura, teatro, televisão, games e quadrinhos.

Há 15 gerações, a Alice do País das Maravilhas diverte crianças e adultos em todo o mundo. A curiosa garotinha que viveu várias aventuras além da toca do coelho e através do espelho completa 150 anos com a mesma inocência e teimosia da época de Lewis Carroll, se mantendo um exemplo de mulher e criança.

Para comemorar a data especial, a edição pioneira do suplemento, que foi intitulado “Vida & Arte & +”, terá como tema esse clássico da literatura inglesa. Tentaremos relembrar a obra e trazer uma abordagem mais aprofundada do assunto, ao contrário do que muitas publicações fizeram em 2010, época do lançamento do filme “Alice in Wonderland”, dirigido por Tim Burton e produzido pelos estúdios da Disney, que trouxe um *boom* do assunto ao mercado editorial.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Transdisciplinar, modalidade Revista Customizada (Avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: krystinecarneiro@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: thikos@uol.com.br.

Alice foi uma personagem criada por Charles Dodgson inicialmente para presentear uma amiga, Alice Liddell, com um livro de aventuras que aconteciam “em baixo da terra”. A história ganhou grandes proporções e foi publicada por Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll e com o título “Alice in Wonderland”, para o grande público, em 1865.

A história do País das Maravilhas virou um clássico da literatura inglesa e já ganhou inúmeras versões cinematográficas, sendo uma das mais famosas a animação produzida pela Disney em 1951.

Alice vem influenciando gerações, tanto no comportamento quanto na filosofia. O livro é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, inclusive da lógica, já que Dodgson era um matemático especialista neste segmento. A plataforma midiática é um jornal, mas como a publicação será mensal, terá todas as características de uma revista, que oferece a oportunidade de abordar a maioria dessas áreas influenciadas pelo clássico, que serão divididas em editorias, além de fornecer espaço para elementos visuais que remetam ao universo da personagem.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Criar uma publicação que ofereça material cultural mais aprofundado ao leitor do caderno Vida e Arte, do Jornal da Paraíba.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Criar uma publicação durável que possa ser guardada por colecionadores;
- Criar uma publicação que aborde vários desdobramentos da personagem Alice, de Lewis Carroll;
- Mostrar como a personagem é tratada ao longo dos seus 150 anos de existência.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Com a necessidade de ir além das notícias factuais do caderno de cultura, aprofundando o conhecimento do leitor em temas considerados de relevância, propomos neste trabalho a criação de um suplemento para o Vida e Arte, caderno de cultura do Jornal da Paraíba.

Quando vai enumerar os problemas dos cadernos culturais de jornais atuais, Piza (2008) adianta que “o primeiro é o excessivo atrelamento à agenda - ao filme que estreia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem etc.”. Com pautas frias, esse produto

pretende abordar temas que não sejam atraídos por factuais, mas sim por outros tipos de gancho, como aniversário de nascimento, morte, lançamento, etc.

“Esses segundos cadernos são mais importantes para os jornais e revistas do que eles costumam imaginar. Não só as pesquisas de leitura em cada publicação apontam, na maioria dos casos, a seção como a primeira ou segunda, mais lida depois da primeira página (ajudada, como se sabe, por coisas como quadrinhos, coluna social e horóscopo), mas também é dali que o leitor, muitas vezes, extrai suas referências afetivas, suas pontes cativas com a publicação.” (PIZA, 2008, p. 63)

O título escolhido para o suplemento, *Vida & Arte & +*, é uma referência ao caderno de cultura já existente, o *Vida e Arte*, e o suplemento de esportes e variedades, *Esportes & +*. No projeto gráfico, as logomarcas dos dois cadernos foram misturadas para criar uma unidade e não destoar do resto do jornal.

Pelos seus 150 anos, o tema escolhido para exemplificar a primeira edição do suplemento do *Alice*. Em março de 2010, o cineasta americano Tim Burton lançou sua versão do clássico de Lewis Carroll, “*Alice in Wonderland*”. Com quase três meses de exibição, a Disney informou que o filme superou a marca de US\$ 1 bilhão na bilheteria mundial, sendo o sexto na história a atingir esta marca (EFE, 2010). Nos Estados Unidos, o filme foi considerado a terceira produção mais lucrativa da Disney, ficando atrás apenas de “*Piratas do Caribe 2: O Baú da Morte*” e “*Procurando Nemo*”, após ultrapassar os US\$ 332 milhões. Até 27 de maio, o filme já tinha arrecadado mais de US\$ 667 milhões no resto do mundo.

O sucesso do longa-metragem, entretanto, não era visto apenas nas bilheteiras. Até mesmo antes do lançamento, o mundo voltou a ficar louco pela personagem. Os indícios podiam ser vistos nos vestuários das pessoas nas ruas, nas vitrines das lojas, nas editoras, que trataram de relançar edições especiais da história de Carroll, e até na TV, com programações especiais sobre o assunto e lançamento de séries.

Inúmeras revistas especiais também foram produzidas. Um déficit, porém, pode ser percebido nas publicações quando se trata do aprofundamento do assunto. A maioria esmagadora das revistas feitas dava ênfase ao novo filme e sequer forneciam informações sobre a história do clássico e outras produções referentes a ele.

Com toda essa febre Burton, a magia inicial da pequena *Alice* se perdeu em meio à ação, aos efeitos 3D e ao clima sombrio do filme. *Alice*, agora, aos 19 anos, é uma guerreira que precisa lutar contra um monstro para cumprir uma profecia. Os espectadores acabaram esquecendo as aventuras inocentes e bem-humoradas do País das Maravilhas.

“[...] o que mais me irritou foi a luta do bem contra o mal. Enquanto no livro não há mocinhos e bandidos, no filme há heróis e vilões. No País das Maravilhas original todos são malucos, mas em suas maluquices ironizam o mundo real de forma inteligente. É impossível não rir quando se lê o livro. No País das Maravilhas de Tim Burton, os loucos, com destaque para o Chapeleiro Johnny Deep, são melancólicos párias dignos de pena. E piedade não me parece um sentimento que Lewis Carroll quisesse estimular.” (TAITELBAUM, 2010).

Em 2012, dois anos depois da febre Burton, com a poeira já baixa, a concepção da personagem Alice por Charles Lutwidge Dodgson, o tão conhecido Lewis Carroll, completa 150 anos. Não apenas para comemorar a data, mas também para tentar afastar do imaginário dos espectadores a imagem da Alice adulta e sombria, rodeada de personagens “dignos de pena”, sentimos a necessidade de produzir um suplemento cultural especial sobre o assunto. Por sua grande contribuição, o filme de 2010 não pode ser deixado de fora da publicação, mas devem ganhar destaque também outros filmes tão importantes quanto esse, além de livros, reflexões e outros desdobramentos do assunto.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A revista foi produzida no período de agosto a novembro de 2011. Com o orientador Thiago Soares, foram discutidas as pautas e a viabilidade de cada uma. Inicialmente, a publicação teria 16 páginas, mas durante a produção foi necessário aumentar para 20.

Entramos em contato com os colaboradores e entrevistados previsto também logo no começo. Para ajudar na diagramação, foi chamada a estudante Desenho Industrial, Ingrid Ellen, para contribuir com uma crônica, o bacharel em Letras e estudante de Jornalismo, Cadu Vieira e, para contribuir com uma crítica às adaptações cinematográficas Disney para Alice, a estudante de Publicidade e dona de um blog, Fernanda Paiva.

Com a necessidade de uma plataforma midiática que pudesse suportar pautas frias, o suplemento cultural mensal, com as características de uma revista, foi escolhido para este trabalho. SCALZO (2008, p. 39 e 41) mostra que uma revista é o suporte ideal para quem pretende fazer um produto que, depois de ter lido, o leitor possa guardar em sua estante, devido à praticidade propiciada pelo seu tamanho, pelo seu tipo de papel e impressão e, consequentemente, pela sua durabilidade.

A revista obriga, eu diria, o jornalista a pensar pautas mais criativas, o que a diferencia dos portais factuais e dos jornais, que trazem os maiores detalhes do que aconteceu “ontem”. Assim, permite um maior leque de opções de assuntos para o leitor se

deliciar. Como disse SCALZO (2008, p. 41), “é sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber”. Ela faz questão de enfatizar que não é apenas pela qualidade do papel que a revista tem maior durabilidade que o jornal, o seu conteúdo é um grande influenciador nesse quesito.

O suplemento proposto por esse trabalho será inserido dentro de uma edição de domingo do Jornal da Paraíba. Por isso, as dimensões escolhidas foram 26,2x29,7cm, que deixa o material do mesmo tamanho de outro suplemento em formato tabloide já existente no jornal, o Esportes & +, não alterando a padronização da publicação, já que o objetivo não é mudar o que já existe, mas sim acrescentar.

A intenção é fazer um suplemento para uma edição domingueira de jornal. Essa revista viria como um brinde para quem comprasse o jornal, aumentando a procura pelo periódico pelos interessados pelo tema e acrescentando informações aos compradores fieis do jornal, que podem ler o suplemento por curiosidade ou conveniência, aumentando, assim, seu conhecimento cultural. A proposta é que o suplemento possa virar um item de colecionador, levando o consumidor às bancas pelo menos uma vez por mês para conferir qual foi o tema daquela edição. Para outras edições do Vida & Arte & +, propomos a abordagem de temas como o samba de Cartola, que completaria 85 anos do início de sua carreira, O Poderoso Chefão, de Francis Coppola, que completa 40 anos, ou o escritor de livros de suspense Stephen King, que completa 65 anos.

A edição de domingo foi escolhida por ser a mais densa, com matérias mais leves e de maior tiragem. Além de informar, a revista trará diversão e cultura a um baixo preço para o comprador, ficando acessível a diversas camadas sociais. Segundo DEJAVITE informou, a revista Época trouxe uma pesquisa mostrando que o índice de leitura vem aumentando no Brasil, sendo que 47% dos entrevistados alegaram ler revistas com regularidade. Mais adiante, no mesmo livro, a autora afirma que:

“Na sociedade contemporânea, a mídia encontra-se em lugar estratégico na promoção dos divertimentos. [...] é um dos principais estimuladores de diversão. Em especial para as populações de menor poder aquisitivo, pode constituir uma das poucas opções de lazer e entretenimento.”  
(DEJAVITE, 2006, p. 51)

A revista foi dividida em editorias e cada editoria teve uma ilustração destinada unicamente para ela. Além da diagramação, a estudante do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal de Campina Grande, Ingrid Ellen, ficou responsável pela arte da

revista, uma vez que mostra talento com design gráfico e tem conhecimento sobre o tema e pôde contribuir com ideias construtivas para construir o projeto gráfico da revista.

“A emergente mudança nos processos e no papel que o jornal diário impresso de referência desempenha na sociedade objetiva o êxito mercadológico, procurando adequar seu conteúdo às necessidades dos leitores. O público, cidadão da sociedade da informação, valoriza não somente o conteúdo informativo e o de entretenimento, mas ainda a forma como a notícia é veiculada. O entretenimento apresenta-se, assim, como uma das narrativas e conteúdos mais propícios a serem veiculados pelo jornal diário impresso de referência, que, cada vez mais busca estar em sintonia com seu receptor. E o *jornalismo de INFOtenimento* aparece como a especialidade jornalística mais recente que o promove.” (DEJAVITE, 2006, p.65)

Entende-se como jornalismo de infotenimento, de acordo com DEJAVITE (p.71), a combinação entre informação e entretenimento, sendo um “sinônimo daquele jornalismo que traz informação, prestação de serviço e ao mesmo tempo oferece divertimento ao receptor”.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As editorias escolhidas para esta edição foram Comportamento, Cinema, Literatura, Moda, Perfis e Realidade. No entanto, essas divisões devem variar de acordo com o tema abordado, ficando fixas apenas Comportamento e Realidade.

A editoria Comportamento teve como “símbolo” uma xícara, remetendo à história de Alice assim como todos os outros. “Alice como Inspiração” é uma matéria que tenta mostrar como agem as pessoas que admiram a obra. Essa temática deve permanecer ao longo de outras edições do suplemento cultural, mostrando curiosidades dos fãs.

A diagramação da publicação foi feita no programa Adobe InDesign, enquanto que o Adobe Photoshop foi usado no tratamento das imagens e o Corel Draw para vetorizar figuras. Toda a parte de diagramação, arte e tratamento de imagem foi feito por Ingrid Ellen, por R\$ 100.

Algumas matérias foram feitas em ambientes externos, como o ensaio fotográfico de moda, ou internos, como a produção dos perfis de Lewis Carroll e Alice Liddell. As páginas 3, 7, 17 e 20 foram criadas a partir de fotografias da peça “Através do Espelho”, montagem da Turma do Meio encenada no dia 3 de novembro de 2011 no Theatro Santa Roza, em João Pessoa. As fotos foram feitas pela própria editora-chefe da revista Krystine Carneiro.

A matéria de comportamento foi toda feita através da internet com fãs da obra de Carroll. Letícia Souza foi descoberta por fazer parte da Associação Lewis Carroll do Brasil e colaborou dando entrevista e enviando fotos através de e-mail. Germano Haushchild é um amigo antigo da editora e preferiu dar entrevista através do Skype.

A parte de Mirna Ferraz, dona da marca Alice Disse, foi a mais complicada. Tentamos contato através de e-mail, mas a empresária explicou que estava muito ocupada para dar entrevista, mas que autorizava a utilização de fotos dela que estivessem na rede e de falas delas em entrevistas concedidas anteriormente. A matéria, enfim, foi feita com base em pesquisas na internet, com informações do site da Alice Disse e da revista A Lagarta.

A matéria da página 6, na editoria de Cinema, foi solicitada a Fernanda Paiva. Ele foi escolhida para a pauta porque, além de ter conhecimento prévio sobre os filmes, já havia se aventurado inúmeras vezes a fazer críticas de filmes em seu blog.

A construção da matéria “Tudo Começou Sobre Um Rio”, na editoria Literatura, foi feita através de leitura de livros. As referências usadas foram as biografias “The Mystery of Lewis Carroll”, de Jenny Woolf e “The Life and Letters of Lewis Carroll”, escrito pelo sobrinho do autor, Stuart Dodgson Collingwood. A matéria coordenada, “Alice: 150 anos com corpinho de 20”, foi feita com base em uma entrevista com a professora da Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal da Paraíba, Ana Marinho.

Para a matéria de moda, foi necessário formar uma equipe para fazer com que o ensaio desse certo. O estudante do curso de Produção de Moda e dono de blog Jefferson Batista foi escolhido para ser o stylist, que iria escolher as roupas usadas pela modelo e explicar o porquê daqueles looks se encaixarem no universo de Alice. Além do stylist, a equipe foi formada por uma modelo, Carla Alves, uma maquiadora, Tassia Brandão, uma fotógrafa, Krystine Carneiro, e duas produtoras, Júllia Santos e Krystine Carneiro.

A maior dificuldade para a execução dessa pauta foi conseguir uma loja que tivesse roupas adequadas para o ensaio e se disponibilizasse a emprestar as roupas. Depois de tentar as lojas Tippo e Villa Vogue/Karmélia sem sucesso, por não conseguir falar com as donas, que estavam sempre ausentes ou em reuniões, o dono da Dimpool, disse que as fotos poderiam ser feitas com as roupas dele, mas dentro da loja. As fotos foram feitas em uma tarde, na loja do Shopping Tambiá, enfrentando o problema da falta de cenário e das clientes que entravam e saíam da loja com frequência.

Assim como a primeira matéria da editoria de Literatura, as duas da editoria Perfil também foram feitas com base em leituras de biografias. Para o perfil de Lewis Carroll, ou

Charles Dodgson, foram usados os mesmos livros mencionados anteriormente. Enquanto que para o perfil de Alice Liddell foram usados os livros “A Psicanálise da Terra do Nunca”, de Diana e Mário Corso, e “The Real Alice in Wonderland: A Role Model of the Ages”, de C. M. e Gabriela Rubin.

Para a matéria “Sonhando com Maravilhas”, visitamos um abrigo para menores no bairro de Manaíra, em João Pessoa, para descobrir como é o País das Maravilhas dos sonhos de duas crianças que moram no local. Antes da visita, foi necessário um contato com a Secretária de Desenvolvimento Social da Prefeitura de João Pessoa, que autorizou a produção da matéria com a condição de que o nome dos entrevistados não fossem divulgados e nem fotos onde aparecessem os rostos deles.

Com a ajuda da diretora, duas meninas, uma de 7 e outra de 13 anos, se disponibilizaram a participar de uma conversa informal, porém gravada, conosco. Durante a conversa, pedimos que as meninas desenhassem ou escrevessem como seriam seus Países das Maravilhas. As duas preferiram desenhar. Enquanto isso, o fotógrafo Rammom Monte, registrava o momento para ilustrar a matéria. O conteúdo da reportagem demandava mais emoção e um texto frio não passaria a mensagem certa ao leitor. Por isso, para contar os sonhos das garotas, recorremos a um texto mais literário.

“Em uma reportagem narrativa, é possível suscitar que sua matéria não se encerra depois de narrados os acontecimentos. E, dentro de um “imponderável limite”, você deve ser sensível, não ter medo de ser literário e expressivo jornalisticamente. É “imponderável” simplesmente porque é difícil demarcar uma divisória entre narrativa literária e jornalística. Então, ser expressivo significa, dentre outras coisas, que sua reportagem narrativa tem a obrigação de informar sempre do modo mais transparente. Por outro lado, ser literário significa, grosso modo, narrar com efeito, com beleza e imaginação. Sem perder de vista os fatos.” (BOAS, 1996, p. 60)

Inicialmente, havia sido solicitado a Cadu Vieira uma crônica sobre Alice visitando o Nordeste, devido ao seu talento com as letras e sua facilidade em brincar com as palavras, assim como Lewis Carroll faz em suas obras. No entanto, ele propôs que fosse feito um cordel, contanto as aventuras de Alice na Terra de Padim Ciço, seu estado natal, o Ceará. A ideia foi muito boa, o problema, no entanto foi a execução. Foi pedida apenas uma lauda e meia, para que o texto coubesse em uma página. Porém, Cadu se empolgou e redigiu cinco laudas. Ainda tentamos cortar partes do texto, mas o sentido ficaria muito vago. Por isso, a revista que teria 16 páginas, passou a ter 20, aumentando também o espaço para a editoria de Literatura e a editoria de Moda.



Na copiadora, a impressão do material teve que ser feita em um tamanho menor que o previsto pelo projeto. A impressão de cinco edições foi feita com uma altura de 21cm e largura de 19,5cm, por R\$ 280. Se for entrar em circulação, com uma tiragem maior, no entanto, a proposta permanece que seja 26,2x29,7cm.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Produzir uma revista sobre Alice, além de ser prazeroso, abre espaço para o conhecimento. Estudar sobre o tema, que parece bobo, abre a mente para várias visões de mundo e discussões atuais sobre autoridade, relação entre pessoas e filosofia.

Colocar na prática, pela primeira vez, o jornalismo cultural também traz experiência. Apesar de ter fama de ser uma área leve e fácil no jornalismo, a Cultura demanda conhecimento prévio e muito talento para tratar os assuntos de forma que o leitor se agrade.

Comandar uma equipe sempre tem suas dificuldades, já que lidar com pessoas é sempre subjetivo. Faz parte do jornalismo ter que enfrentar imprevistos e tentar superá-los dentro do prazo determinado. Para uma próxima experiência, a lição que fica é exigir prazos dos colaboradores, para que não existam pendências de última hora.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

<http://www.google.com/hostednews/epa/article/ALeqM5jlHxxA2HGULo21o4tkU3dFdAqGjA> <Acessado em 01 de junho de 2011>

<http://www.alicedisse.com/index.php> <Acessado em 11 de maio e 26 de novembro de 2011>

BATTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 16ª Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 335 p.

BOAS, Sergio Vilas. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus Editorial, 1996. 129 p.

CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice Encontrou por Lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 317 p.

COLLINGWOOD, Stuart Dodgson. *The Life and Letters of Lewis Carroll*: Rev. C. L. Dodgson. Oxford: Forgotten Books, 2010. 482 p. (Classic Reprint Series).

CORSO, Mario; CORSO, Diana Lichtenstein. *A Psicanálise Na Terra Do Nunca: Ensaio Sobre A Fantasia*. Brasil: Artmed, 2011. 328 p.

DEJAVITE, Fabia Angélica. *INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo*. São Paulo: Paulinas, 2006. 124 p. (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série comunicação e cultura).

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos Irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 310 p.

FANTONI, Veronica. Mirna Ferraz. *A Lagarta*, Brasília e Rio de Janeiro, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.alagarta.com/index.php?edicao=julho2011>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

LLOYD, Megan S.. *Alice rebelde: uma perspectiva feminista de algumas aventuras no país das Maravilhas*. In: IRWIN, William; DAVIS, Richard Brian. *Alice no País das Maravilhas e a Filosofia: Cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010. Cap. 1, p. 15-24.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. Brasil: Contexto, 2009. 143 p.

RUBIN, C. M.; RUBIN, Gabriella. *The Real Alice in Wonderland: A Role Model for the Ages*. Nova Iorque: Author House, 2010. 136 p.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. Brasil: Contexto, 2004. 112 p.

TAITELBAUM, Paula. *Duas opiniões sobre a Alice de Burton: Que país das maravilhas é esse?*. Disponível em: <<http://www.lpm-editores.com.br/blog/?p=661>>. Acesso em: 01 de junho de 2011.

TALIAFERRO, Charles; OLSON, Elizabeth. *Nonsense sério*. In: IRWIN, Williams; DAVIS, Richard Brian. *Alice no País das Maravilhas e a Filosofia: Cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010. Cap. 13, p. 165-175.

WOOLF, Jenny. *The Mystery of Lewis Carroll*. Nova Iorque: St. Martin's Griffin, 2011. 326 p.